



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

O DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS PRODUTIVAS SOB A PERSPECTIVA MARXIANA

Autores: MATHEUS PEDRO DE CARVALHO, RAYANE PRISCILA WERNECK DIAS RUAS

Introdução

As mudanças que vão ocorrendo no sistema de produção de mercadorias, com o passar do tempo, possibilitam que novas técnicas possam ser utilizadas para aumentar a eficiência da produtividade. Esse incremento de novas técnicas impulsiona o desenvolvimento do sistema capitalista de produção, que é dividido em duas classes (a trabalhadora e a que detém os meios de produção), e muda completamente o modo de vida dos trabalhadores, que antes eram os proprietários de sua mercadoria (Arruda, 1988)

O desenvolvimento de novas máquinas muda o processo histórico do sistema econômico (quando ela é usada para acumulação, ou em outras palavras: quando elas são apropriadas apenas por uma parcela da população (propriedade privada)), fazendo com que o trabalhador, que só possui sua força de trabalho como meio de produzir, tenha que vender para conseguir sobreviver, surgindo então os assalariados ou como é preferível chamar de “classe trabalhadora”, que logo mais entrará em constante atrito com a classe dos possuidores de capital por diversos conflitos de interesses (Netto, 2007).

Para Marx (2013) os trabalhadores foram expropriados de seus meios de produção precedentes (a terra, sobretudo), o que deu origem a que eles próprios se encontrassem no mercado, “livres”, como força de trabalho (que deve ser vendida, trocada). É o fato de sua exploração, que acontece nesta “troca” com o capitalista, onde ocorre a apropriação da mais-valia que permite, ao capital, a acumulação e, por consequência, o investimento do excedente em renovação das máquinas. A perspectiva adotada neste artigo é de mostrar as formas de evolução do sistema capitalista com foco nas forças produtivas, que são elas as principais “armas” do capitalista contra os trabalhadores, como uma forma de substituição da força de trabalho humano, por equipamentos desenvolvidos que fazem a atividade do homem. Trata-se também de mostrar as consequências que este sistema acarreta para a população, e como permite que cada vez mais as classes dos exploradores forcem a classe dos explorados a aceitar que esta maneira de viver seja a única possível.

Além desta introdução, o resumo expandido está dividido em uma seção que mostrará como o desenvolvimento das forças produtivas foi fundamental para que o sistema capitalista pudesse progredir, utilizando cada vez mais do seu principal elemento de acumulação, a classe operária.

Material e métodos

Sistemática revisão bibliográfica em torno dos principais autores que analisaram o tema. Tendo em vista o caráter teórico da problemática, a análise foi feita ao longo de toda a pesquisa e consistiu em: leitura da bibliografia abaixo mencionada; fichamentos dos textos principais; análise e articulação destes textos com a obra madura de Marx.

Desenvolvimento Da Maquinaria

Com o desenvolvimento e a utilização da maquinaria na produção de mercadorias, se supera o modo de produção manufatureiro de mercadorias, e com essa superação, o capital moldou o trabalho a sua maneira. A produção manufatureira possuía como referência a força de trabalho viva. Marx (2013) esclarece, em sua obra *O Capital*, a diferença entre a ferramenta e a máquina. Para o ele, a *ferramenta* é um instrumento de trabalho, do qual o homem seria a força motriz, enquanto a *máquina* é usada como um instrumento movimentado por força natural, força animal, dentre outras.

A máquina também é acionada pelo homem além de ser também resultado de trabalho humano, mas no contexto capitalista, com a máquina, o homem se coloca como elemento secundário no processo de trabalho. Ou seja, o trabalho humano continua necessário, mas o homem não domina completamente o processo de trabalho.

Assim, na produção mecanizada, o trabalhador não possui o controle da realização do trabalho. A ele, é imposto de se moldar ao modo de produção (e não mais o contrário, como ocorria na manufatura). A máquina é quem agora passa a determinar o ritmo do trabalho e é encarregada da qualidade da mercadoria. Também, a quantidade de produção e o tempo de trabalho necessário para a realização de um produto param de ser determinados pelo trabalhador. Ao investigar profundamente a produção mecanizada e suas consequências para a classe trabalhadora (Marx, 2011).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Para Mandel (2005), o modo de produção capitalista retirou da posse dos trabalhadores quase que completamente o poder de produção, pois superou a base da manufatura, que era a princípio a força de trabalho. Na maquinaria moderna, o trabalhador tornou-se um mero instrumento de trabalho e é absorvido pelas novas criações. Na indústria moderna, o trabalhador serve à máquina, não possuindo mais o controle da produção, pois ele deve obedecer (obrigatoriamente) ao tempo e a velocidade que a maquinaria coloca, se quiser garantir seu salário de subsistência para continuar vivendo.

Dessa maneira, pode-se dizer que a introdução das máquinas na produção foi o fator fundamental para que o capitalismo fizesse com que a força humana (utilizando o seu trabalho) não fosse mais tão necessária quanto antes. Dado isso, pode-se compreender que a mudança da produção manufatureira para o modo de produção industrial em massa foi um fator definitivo para o prevalecimento da classe da burguesia e para o endurecimento do modo de produção capitalista.

Conclusão

Pode-se concluir que o avanço tecnológico, utilizado a favor do capital, teve elevada eficiência para permitir que uma classe (a burguesa) conseguisse explorar a outra (a trabalhadora), aumentando cada vez mais do mais-valor para que a reprodução e acumulação de seu capital fosse possível, porém prejudicando cada vez mais os trabalhadores, os colocando em situações precárias e miseráveis.

Bibliografia

ARRUDA ANDRADE, José Jobson de. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Ática, 1988.

MANDEL, Ernest. **Introdução a Teoria Econômica Marxista**. Campinas: ILAESE, 2005.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857 – 1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORAES NETO, Benedito Rodrigues de. **Marx, Taylor, Ford**: as forças produtivas em discussão. São Paulo: Brasiliense, 1989.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2007.